

A Necrópole de Alapraia: o local do sono eterno de uma população humana¹. O que os restos ósseos humanos nos revelam sobre ela...

The Necropolis of Alapraia: the place of the eternal sleep of a human population. What the human skeletal remains tell us about them...



Ana Maria Silva^{2,3,4a*}

Um espólio sem a respectiva publicação e valorização científica, é um espólio morto. Um espólio vive a vida dos trabalhos que o divulgam aos estudiosos de todo o Mundo.

Afonso do Paço (1955: 88–89).

Resumo A Necrópole de Alapraia (Cascais), datada do Neolítico final, é constituída por quatro grutas artificiais escavadas entre os anos de 1889 e 1943. Restos ósseos humanos foram recuperados das grutas II, III e IV. Este espólio acabou por ficar esquecido e depositado no Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, sem nunca ter sido estudado de modo aprofundado. Nos finais da década de 2000, foram localizados restos ósseos humanos da gruta II no antigo Museu Antropológico da Universidade de Coimbra e no Museu dos Serviços Geológicos, em Lisboa, o que levou ao estudo de todo o espólio ósseo humano recuperado da referida Necrópole. A maioria do espólio ósseo humano

Abstract The Alapraia Necropolis (Cascais), dating from the Late Neolithic, includes four artificial caves excavated between the years of 1889 and 1943. Human bone remains were recovered from caves II, III and IV. This collection was deposited in the Museu Condes de Castro Guimarães, in Cascais, without ever having been studied in detail. Recently, more human bone remains from Cave II were found in the Anthropological Museum of the University of Coimbra and in the Museum of Geological Services (Lisbon), which prompt the study of all human bones recovered from said Necropolis. The majority of the human remains were recovered from cave II: at least 49 individuals of both sexes, of whom 22

¹ Este título é baseado no trabalho sobre o culto da lua de Afonso do Paço (1955: 96).

² CIAS — Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, University of Coimbra, Coimbra, Portugal.

³ UNIARQ — WAPS. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

⁴ CEF — Centro de Ecologia Funcional, University of Coimbra, Coimbra, Portugal.

^a orcid.org/0000-0002-1912-6581

* Autor correspondente/Corresponding author: amgsilva@antrop.uc.pt

provém da gruta II. Nesta, foram depositados no mínimo 49 indivíduos, de ambos os sexos, dos quais 22 faleceram com menos de 15 anos. Destaca-se a presença de um osso supranumerário do pé, o *calcaneum secundarium* (2/8), e de uma cúspide acessória num incisivo lateral superior esquerdo (cúspide de talon), constituindo esta última o caso mais antigo documentado para o atual território português. Entre as patologias observadas, evidenciam-se as lesões traumáticas, todas remodeladas. Estas incluem uma fratura por depressão num crânio de um indivíduo adolescente, nas diáfises de um 5.º metacarpiano esquerdo, 4.º metatarsiano, falange distal do pé, além de um bloco (anquilose) de duas vértebras torácicas de adultos. De salientar ainda a pesquisa em documentação antiga que se revelou extremamente útil para reconstituir o percurso deste espólio ósseo antigo entre diversas instituições.

Palavras-chave: Necrópole de Alapraia; Neolítico final; espólio ósseo humano; gruta artificial II; *Calcaneum secundarium*; cúspide de talon; patologia traumática.

Introdução

A Necrópole de Alapraia (Cascais) é formada por quatro grutas artificiais (grutas I, II, III, IV) escavadas no calcário margoso, de câmara circular com claraboia central e corredor. Descobertas entre os anos de 1889 (gruta I) e 1943 (gruta IV), a descrição dos trabalhos envolvidos, das plantas e uma breve descrição do espólio

died before the age of 15. The more relevant morphological data includes the presence of a supernumerary foot bone, *calcaneum secundarium* (2/8), and an accessory cusp on a left superior lateral incisor (talon cusp), which is the oldest documented case in the Portuguese territory to the date. Among the pathologies, traumatic lesions stand out, namely: a depressed fracture in an adolescent's skull, signs of fracture in the diaphysis of a 5th left metacarpal, 4th metatarsal, distal foot phalanx and thoracic block vertebrae. All the lesions are remodelled. The research in ancient documentation proved to be extremely useful for reconstituting the course of these human remains between several institutions.

Keywords: Necropolis of Alapraia; Late Neolithic; human bones; artificial cave II; *Calcaneum secundarium*; talon cusp; traumatic lesions.

antropológico, faunas terrestre e marinha foi publicada em 1955 por Afonso do Paço. Restos ósseos humanos foram recuperados das grutas II, III e IV, ainda que sejam escassos os das duas últimas.

A gruta II, descoberta em setembro de 1932, teve a primeira campanha de escavação dirigida por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, entre 15 e 19 de setembro de 1932, tendo sido escavado parte

do vestíbulo. No ano seguinte, após autorização da Junta de Educação Nacional e com auxílio da Câmara Municipal de Cascais, a campanha de escavação, que decorreu entre 4 e 20 de setembro, incidiu novamente no vestíbulo (Jalhay e Paço, 1941). Os resultados destas duas intervenções foram publicados na revista *Brotéria* em 1935. No ano seguinte, novamente com subsídio da Junta de Educação Nacional e com o apoio da Câmara Municipal de Cascais, entre 2 de agosto e 21 de setembro, foi escavada a restante parte deste sepulcro exceto uma parte do vestíbulo que se encontrava coberto pela estrada que passava ao lado. Apenas no ano de 1942, entre 6 e 9 de julho, estes dois investigadores conseguiram concluir a escavação da gruta, após os esforços do Tenente-Coronel José Roberto Raposo Pessoa (Presidente da Câmara Municipal de Cascais) e do Engenheiro Augusto Jaime Teles de Abreu Nunes (Presidente da Junta de Turismo) que permitiram o desvio da estrada, deixando liberto o que restava do pequeno vestíbulo (Paço, 1955) (Figura 1). Esta gruta apresenta uma câmara com 4,30 m de diâmetro e 2,20 m de altura (Paço, 1955: 79).

A gruta III, descoberta em 1935, foi escavada em 10 de julho de 1942, após se ter terminado a escavação da gruta II (Jalhay e Paço, 1941; Paço, 1955; 1957) e antecedendo a escavação da gruta IV.

Em 2010, quando se iniciou o estudo do espólio ósseo humano das grutas de Alapraia depositado no Museu Condes

de Castro Guimarães (MCCG), em Cascais, foram localizados restos ósseos humanos provenientes desta Necrópole em mais dois locais: nos depósitos do antigo Museu Antropológico (MA) da Universidade de Coimbra¹ (incluindo restos ósseos não humanos e fragmentos de cerâmica) e no Museu dos Serviços Geológicos (MSG)² em Lisboa. Este facto levou a que se iniciasse uma investigação para compreender o percurso destes restos ósseos humanos nos últimos 60/70 anos, ou seja, desde o momento da sua escavação até ao seu atual local de depósito.

De acordo com a literatura disponível, Eugénio Jalhay e Afonso do Paço doaram todo o espólio recuperado desta Necrópole à Junta de Turismo de Cascais e ao MCCG. Em 28 de dezembro de 1941, este deu entrada no Museu-Biblioteca do MCCG e, em 5 de abril de 1942, foi inaugurada a sala Padre Eugénio Jalhay e Capitão Afonso do Paço, onde o espólio ficou exposto (Junta de Turismo de Cascais, 1943: 11). Contudo, nem todos os restos ósseos humanos devem ter seguido em 1941 para o MCCG. Anos mais tarde, Afonso do Paço, na sua publicação sobre a gruta II, refere que exceto «algumas espécies expostas em vitrine», a parte mais volumosa do espólio antropológico recuperado ficou guardada em caixotes nas caves da Junta de Turismo, situadas nas Arcadas do Parque do Estoril, e quatro

¹ Desde 2010, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

² Informação cedida pelo Dr. Rui Boaventura.

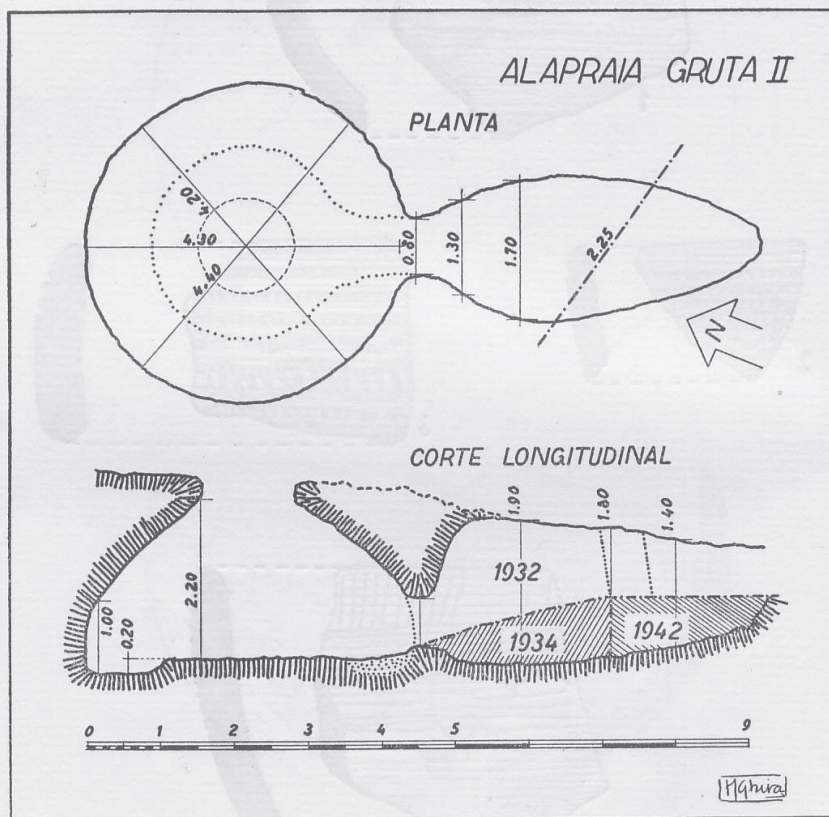


Fig. 59 — Planta e corte da gruta II, com indicação das escavações feitas no vestibulo em 1932, 1934 e 1942. Por cima da parte escavada em 1942 fica o corte feito pela estrada.

Figura 1. Planta e corte da gruta II da Necrópole de Alapraia. Indicação das escavações realizadas em 1932, 1934 e 1942. Por cima da parte escavada no ano de 1942 situa-se o corte da estrada (adaptado de Paço, 1955: 78b).

caixotes, com pequenos fragmentos ósseos, ficaram depositados na redação da revista *Brotéria*, situada na Rua do Maestro António Taborda n.º 14, em Cascais. Todo este espólio ósseo humano ficava a aguardar o estudo, em local a determinar, de um especialista (Paço, 1955: 81).

Para tal, foi solicitado no início da década de 1950, a colaboração científica do Instituto de Antropologia³ da Universidade de Coimbra através de uma carta

³ O Instituto de Antropologia deu lugar ao Departamento de Antropologia e este, em setembro de 2009, ao Departamento de Ciências da Vida (Antropologia).

dirigida ao Prof. Tamagnini. Nesta carta, datada de 27 de novembro de 1952 (Figura 2), Afonso do Paço lamenta não ter sido ainda possível o estudo do material antropológico das grutas de Alapraia e de São Pedro do Estoril, assim como a ausência de interdisciplinaridade. O Prof. Tamagnini, que se encontrava doente e já afastado da Direção do Instituto, passou a carta ao então Diretor, o Prof. Xavier da Cunha, que respondeu num ofício datado de 3 de dezembro de 1952, confirmando toda a disponibilidade para o estudo deste importante espólio ósseo humano⁴, propondo inclusivamente um encontro em Lisboa. O Prof. Xavier da Cunha, acompanhado de funcionários do Instituto, deslocou-se a Lisboa a fim de «proceder à escolha daquilo que fosse julgado capaz de estudo» (Paço, 1955: 82). O Prof. Xavier da Cunha acrescentou ainda que entre os três conjuntos mencionados apenas o da redação da *Brotéria* seguiu para Coimbra, uma vez que os dois primeiros (Museu Condes de Castro Guimarães e da Junta de Turismo de Cascais) não continham fragmentos que servissem para estudo (Paço, 1955: 82).

Porém, correspondência encontrada no arquivo da secretaria do Instituto de

Antropologia revela que uma peça óssea (um osso frontal⁵) da amostra depositada na cave da Junta de Turismo foi selecionada para ser estudada e temporariamente cedida ao Instituto de Antropologia. Em ofício datado de 18 de novembro de 1953 e dirigido ao Presidente da Junta de Turismo de Cascais, o Prof. Xavier da Cunha confirma que se deslocou «há dias a Cascais» para escolher o «material aproveitável» das grutas de S. Pedro, de Alapraia e Areias⁶. Este ofício inclui uma listagem de material ósseo cujo empréstimo temporário é solicitado. De Alapraia, apenas um osso frontal está incluído. A consulta do livro de ponto dos funcionários do Instituto de Antropologia revelou que, entre os dias 12 e 14 de novembro de 1953, o funcionário Álvaro Borges esteve «em explorações antropológicas em Cascaes», ou seja, acompanhando o Prof. Xavier da Cunha na sua deslocação a Cascais.

Em 28 de dezembro de 1953 (ofício n.º 960/53), o Diretor da Junta de Turismo de Cascais, o Engenheiro Vaz Pinto, confirma que o pedido de cedência para estudo do material osteológico das grutas de S. Pedro, Alapraia e Areias foi autorizado. Informa ainda que será enviada uma coleção de fotografias e que será a empresa de Camionagem Costa Ramos a efetuar o respetivo transporte. Dois dias mais tarde (30/12/1953), o Eng. Vaz Pinto envia um telegrama ao Diretor

⁴ No âmbito desta investigação, foram também estudados restos ósseos depositados nos Serviços Geológicos (Poço Velho) e no Museu Etnológico (Carenque, Baútas), todos temporariamente cedidos ao Instituto de Antropologia, com o intuito de «acompanhar a evolução das populações do concelho desde o Eneolítico, à roda de 2000 anos a. Cristo, até aos nossos dias» (Paço, 1955: 81).

⁵ Osso frontal AI.1522 que exhibe sinais de um trauma.

⁶ Este estudo é também referido no boletim da Junta de Turismo de Cascais (1954): *Cascais e seus lugares*.

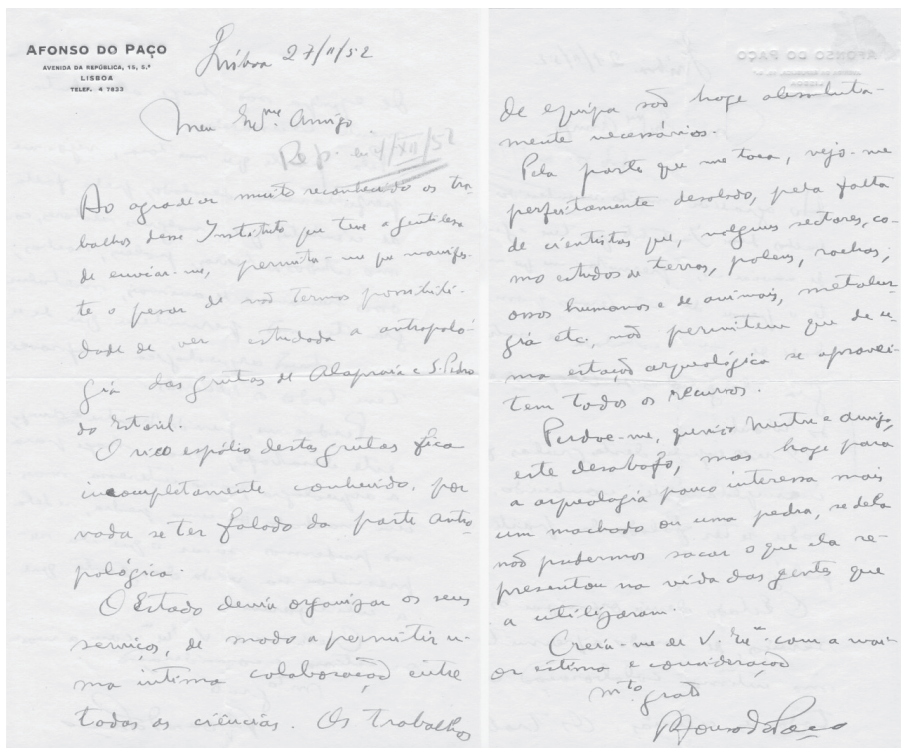


Figura 2. Carta do Tenente-Coronel Afonso do Paço dirigida ao Prof. Eusébio Tamagnini, datada de 27 de novembro de 1952 (Arquivo da Secretaria do Instituto de Antropologia).

do Instituto de Antropologia a informar que o material ósseo segue nesse dia para Coimbra em 9 caixotes. A receção do material foi confirmada em ofício datado de 5 de janeiro de 1954 (ofício n.º 1/54) e assinado pelo Prof. Xavier da Cunha.

Ainda que o osso frontal de Alapraia tenha sido estudado conjuntamente com o restante espólio ósseo de Cascais pela investigadora Maria Augusta Neto, esta peça óssea acabou por nunca

ser publicada⁷. Todo este material ósseo humano foi devolvido à Junta de Turismo de Cascais em 12 de maio de 1955 (ofício n.º 114/55), sendo o transporte novamente assegurado pela Empresa de Camionagem Costa Ramos. Posteriormente, este material ósseo humano terá sido transferido para o MCCG, onde ainda hoje se encontra depositado.

⁷ Informação oral cedida pela Dr.ª Maria Augusta Rocha, investigadora reformada do antigo Departamento de Antropologia.

Em 1956, algum espólio antropológico, incluindo provavelmente de Alapraia, ainda se encontrava depositado nas caves da Junta de Turismo de Cascais. Esta informação foi auferida de uma carta datada de 2 de março de 1956, em que Afonso do Paço solicita ao Prof. Xavier da Cunha indicações sobre o tipo de armários adequados para guardar o espólio antropológico de “São Pedro do Estoril e outros” que ainda se encontravam nas caves da Junta de Turismo e que brevemente iriam transitar para o Museu. Mais tarde, em cartas datadas de 13 e 19 de março de 1962, há nova referência aos restos ósseos de Alapraia, lamentando que o seu estudo antropológico não tenha sido concluído. Na última, inclusive, há referência à destruição de alguns caixotes de material de Alapraia e parte de São Pedro do Estoril que se encontravam na arrecadação da Junta de Turismo. Este comentário vem ao encontro da perda de material ósseo desta Necrópole sugerida por diversas vezes na literatura (Xavier da Cunha, 1956a; 1956b; Gonçalves, 2005: 78).

Ainda que nas publicações dos anos de 1950 haja referência a pequenos fragmentos ósseos recuperados da gruta IV, estes não foram localizados no momento deste estudo. Contudo, as duas datações por radiocarbono publicadas desta Necrópole (Gonçalves, 2005), realizadas sobre ossos humanos, parecem pertencer à referida gruta IV, o que poderá explicar a sua atual ausência (Tabela 1).

Os objetivos do presente trabalho incluem:

- A pesquisa e descrição do percurso dos restos ósseos humanos provenientes das quatro grutas da Necrópole de Alapraia, desde a sua exumação até ao local onde atualmente se encontram depositados;
- A análise antropológica de todo o espólio ósseo humano preservado, reunindo e cruzando os dados obtidos das diferentes amostras, que, apesar de se encontrarem depositadas em locais diferentes, pertencem à mesma gruta;
- Comparar os dados demográficos, morfológicos e paleopatológicos obtidos com séries coevas exumadas de grutas artificiais (o mesmo tipo de monumento funerário).

Material

Segue-se uma descrição sumária das três amostras atualmente conhecidas da Necrópole de Alapraia, fazendo uma distinção do local onde estão depositadas.

A amostra do acervo do Museu Condes de Castro Guimaráes (Cascais)

Entre 26 de fevereiro e 30 de junho de 2010, o espólio ósseo humano da Ne-

Tabela 1. Datações por AMS de restos ósseos humanos da gruta IV da Necrópole de Alapraia (adaptado de Gonçalves, 2005: 68).

Referência	Amostra	13C/12C	Datação convencional	Cal BC 2 σ
Alapraia 4 Beta — 178461	Diáfise de fémur (inv. 52)	- 18,70	4110 \pm 40 BP	2870–2500
Alapraia 4 Beta — 178462	Crânio humano (inv. 55)	- 19,40	3260 \pm 40 BP	1620–1440

crópole de Alapraia atualmente depositado no MCCG foi gentilmente cedido para estudo no Departamento de Ciências da Vida (Antropologia) da Universidade de Coimbra. Com exceção de quatro dentes e dois fragmentos ósseos recuperados do corredor da gruta III, de 10 dentes e um fragmento da região do acetábulo direito recuperados na envoltória das grutas durante as escavações de 2004 e 2005, e de três dentes recuperados do Pátio dos Columbófilos, a restante parte do acervo osteológico que compõe esta amostra é proveniente da gruta II. Esta amostra é constituída predominantemente por restos dentários soltos, alguns fragmentos cranianos e de ossos longos.

Na verdade, não se tratou da primeira vez que o material ósseo humano proveniente de Alapraia depositado no MCCG foi cedido a investigadores de Coimbra (a cedência anterior foi realizada quando o material ósseo ainda se encontrava depositado na Junta de Turismo de Cascais). Já no início da década de 1990, ao abrigo de um protocolo entre

o MCCG e o Departamento de Antropologia, os restos ósseos de Alapraia, Poço Velho, São Pedro do Estoril I e II foram cedidos temporariamente para estudo. Em 1991/92, este espólio ósseo foi estudado por duas finalistas da licenciatura em Biologia, Ana Paula Ladeira (1993) e Ana Maria Silva (1993), no âmbito das suas monografias de investigação na área das Ciências Humanas. Todavia, no que diz respeito à amostra de Alapraia, a cedência da década de 1990, não incluía os restos dentários soltos.

A amostra depositada no antigo Museu Antropológico (Coimbra)

A amostra depositada no antigo Museu Antropológico (MA) foi localizada na reserva do mesmo. O acervo encontrava-se arrumado numa vitrina e distribuído por 27 caixas de papelão vermelho de reduzidas dimensões (incluía quatro caixas contendo ossos de animais e um fragmento de molusco, e uma contendo fragmentos de cerâmica) (Figura 3).



Figura 3. Caixas onde estava arrumado o espólio ósseo humano proveniente da gruta II de Alapraia no acervo do antigo Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (atual Museu da Ciência).

Os ossos tinham sido, *grosso modo*, agrupados por tipo. Cada caixa incluía uma etiqueta com a informação “Alapraia, março de 1955, *Brotéria*” (Figura 4). Em algumas etiquetas tinha sido acrescentado, a tinta preta, o tipo de osso que cada caixa continha. De acordo com informação oral fornecida pela Dr.^a Maria Augusta Rocha, os dados escritos a vermelho terão sido escritos por um antigo funcionário, o Sr. Álvaro Borges, e a informação a preto foi redigida pela Investigadora Dr.^a Maria Augusta Neto, ambos funcionários do então Instituto Antropológico. As etiquetas que acompanham

este espólio sugerem: 1) que se trata da amostra que veio das caves da redação da revista *Brotéria* — como documentado por Afonso do Paço (1955: 82) — e 2) que esta amostra terá chegado a Coimbra durante o mês de março de 1955.

Foi realizada uma pesquisa no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Arquivo da Secretaria do Instituto de Antropologia e na Biblioteca da Revista *Brotéria* para averiguar a proveniência exata desta amostra osteológica. Desta última, obteve-se a confirmação que não foi encontrada qualquer documentação sobre o depósito destes restos ósseos nas suas

instalações. Além da nota já referida de Afonso do Paço (1955: 82) não se encontrou qualquer outra informação sobre como estes restos ósseos chegaram a Coimbra e porque nunca foram devolvidos.

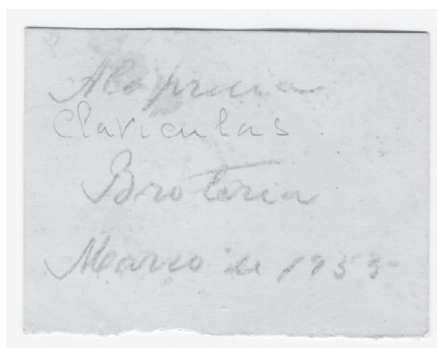


Figura 4. Exemplo de uma etiqueta que acompanhava os restos ósseos humanos de Alapraia depositados no antigo Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (atual Museu da Ciência).

Até ao momento, foi possível apurar que estes restos ósseos foram sumariamente estudados pela investigadora Maria Augusta Neto. Contudo, os resultados nunca chegaram a ser publicados. A composição desta amostra, constituída por 837 fragmentos ósseos de todos os elementos do esqueleto, incluindo restos ósseos de adultos e não adultos, é muito distinta da que se encontra atualmente depositada no MCCG. Apenas quatro dentes soltos fazem parte desta coleção, o que também contrasta com a do MCCG.

A amostra do acervo do Museu dos Serviços Geológicos (Lisboa)

No Museu do atual Serviço Geológico (MSG), foi localizada uma caixa contendo restos ósseos humanos provenientes da gruta II (Figura 5). Este conjunto é formado por 59 ossos humanos (metacárpicos, metatársicos, falanges da mão e dos pés) e dois dentes. Infelizmente, desconhece-se por que razão, e em que circunstâncias, estes restos foram depositados no Museu.

Metodologia

Os restos ósseos e dentários foram limpos, marcados e inventariados. A estimativa do número mínimo de indivíduos (NMI) foi realizada de acordo com a metodologia de Herrmann et al. (1990) adaptada por Silva (1993). Foram ainda considerados os tipos de ossos que não deixassem dúvidas de pertencerem apenas a um indivíduo (exemplo: pirâmide petrosial, atlas, áxis). No caso dos dentes, a estimativa do NMI dos adultos teve em conta o número de dentes recuperados *in situ*, os soltos e as perdas *ante mortem* de acordo com as recomendações de Silva (2002; 2012). Quanto aos não adultos, a análise teve ainda em consideração o estado de maturação dos ossos e dos dentes (Silva, 2002; 2012).

A estimativa da idade à morte nos não adultos foi realizada utilizando os restos dentários, através dos métodos



Figura 5. Restos ósseos provenientes da gruta II de Alapraia, atualmente depositados no Museu dos Serviços Geológicos (Foto: Rui Boaventura).

de AlQhatani et al. (2010), Smith (1991) e Ubelaker (1989). Nos adultos, este parâmetro foi estimado recorrendo à análise da fusão da extremidade esternal da clavícula (MacLaughlin, 1990). A diagnose sexual baseou-se nas características cranianas e do osso coxal (Ferembach et al., 1980) e na análise métrica dos ossos do pé (Silva, 1995). A análise métrica dos ossos incluiu o cálculo dos índices de achatamento e de robustez (Martin e Saller, 1957). Os caracteres discretos cranianos foram registados de acordo com as definições de Hauser e De Stefano (1989) e os pós-cranianos, com as de Finnegan (1978) e de Saunders (1978). A estatura foi estimada com base nos metatarsia-

nos, recorrendo às fórmulas propostas por Santos (2002).

O desgaste dentário foi classificado de acordo com a escala de Smith (1984) adaptada por Silva (1996). As patologias dentárias pesquisadas incluíram as cáries (Moore e Coorbett, 1971; Lukacs, 1989), os depósitos de tártaro (Martin e Saller, 1956) e as hipoplasias do esmalte dentário, estas últimas indicadores de *stress* fisiológico. As lesões degenerativas articulares e não articulares foram registadas de acordo com as escalas propostas por Crubézy (1988). As restantes patologias foram devidamente descritas e, sempre que possível, realizado o diagnóstico diferencial.

Resultados e discussão

Muitos aspetos da vida de um indivíduo ficam gravados nos seus ossos. Decifrar e interpretar esta informação, particularmente em restos ósseos humanos muito fragmentados e incompletos, recuperados de contextos funerários coletivos como os de Alapraia, pode ser uma tarefa muito difícil. Uma dificuldade acrescida surge quando existe um grande distanciamento temporal entre a escavação do material osteológico e o seu estudo, para além do acervo em vários locais. Contudo, a análise destes conjuntos ósseos é sempre imprescindível para o conhecimento das populações do passado cujos vestígios que chegam até nós são limitados. Mais, parte das dificuldades mencionadas podem ser ultrapassadas recorrendo a metodologias específicas (Silva e Ferreira, 2016/17; Silva, 2017). Seguem-se os dados das diferentes amostras desta Necrópole.

Corredor da gruta III

Os restos ósseos recuperados desta zona do monumento e do acervo do MCCG incluem dois fragmentos ósseos, uma metade proximal de rádio esquerdo e uma falange proximal da mão, para além de 4 dentes. Estes, todos inferiores, incluem um 2.º pré-molar direito, um 2.º molar esquerdo e outro direito, e um 3.º molar direito. Estes restos correspondem a um mínimo de um indivíduo adulto. Todos os dentes revelam um desgaste dentário de grau 3 e depósitos mínimos

de tártaro são observáveis no 2.º molar inferior direito.

Restos recuperados em 2004/5 na envolvência das grutas II e III

Um fragmento ósseo — da região do acetábulo direito — e 10 dentes constituem esta amostra, depositada no MCCG. Entre os referidos dentes, encontra-se um 2.º pré-molar inferior esquerdo cuja raiz não está completamente formada, correspondendo a uma idade à morte entre os 11,5 e 12,5 anos (AlQahtani et al, 2010). Consequentemente, estes restos correspondem a um mínimo de dois indivíduos, um adulto e um não adulto. O desgaste dentário médio é de 3,4 (n=8), e três dentes (n=8) revelam depósitos mínimos de tártaro. Não foram detetadas lesões cario-génicas. Um pré-molar superior esquerdo revela uma hipoplasia do esmalte dentário.

Pátio dos Columbófilos

Um canino superior e um incisivo central inferior direito constituem esta amostra do MCCG. Ambos os dentes revelam um desgaste dentário de grau 2 e, apenas o último, depósitos de tártaro de grau mínimo.

Gruta II

A maioria dos restos osteológicos preservados da Necrópole de Alapraia provém desta gruta. Na análise que se segue são considerados todos os restos ósseos hu-

manos presentemente preservados desta gruta (*i.e.*, das três amostras anteriormente descritas). Os restos ósseos encontram-se muito incompletos e fragmentados, não tendo sido recuperado nenhum crânio, mandíbula ou osso longo completo. Apenas os ossos mais pequenos das mãos e dos pés foram recuperados inteiros.

Estas características devem-se quer às práticas funerárias, quer à ação de diversos fatores tafonómicos. Este último parâmetro, que inclui a ação do tipo de solo, da fauna e da flora, é bem visível em várias peças ósseas. Vários ossos cranianos e fragmentos de ossos longos recuperados apresentam incrustações calcárias ou encontram-se embebidos em concreções calcárias. Como exemplo, refira-se uma calote craniana (AI.40) incompleta pertencente a uma criança que terá falecido entre os 4 e os 6 anos, depositada no MCCG, completamente incrustada em depósitos de calcário da gruta (Figura 6). Na figura 7 são visíveis marcas de dentes de roedores que foram observadas em várias diáfises de ossos longos.

A amostra da gruta II de Alapraia é constituída por aproximadamente 1830 peças, 862 dentes ou fragmentos de dentes soltos e 968 fragmentos ósseos. Estes correspondem a um mínimo de 49 indivíduos, estimativa obtida com base nos restos dentários. Destes 49 indivíduos, 22 têm menos de 15 anos de idade à morte, e os restantes ($n=27$) mais de 15 anos, estimativa obtida pela contagem dos segundos pré-molares inferiores

direitos (incluindo uma perda *ante mortem*) que completam a sua formação aos 14/15 anos (AlQahtani et al., 2010). É de salientar que esta estimativa não foi fácil, face à presença de vários indivíduos que teriam uma “dentição mista”, mas sob a forma de dentes soltos, o que torna complexa a estimativa deste parâmetro face a alguma variabilidade existente no padrão de perda de dentes decíduos.

Os restantes elementos ósseos pertencentes a indivíduos adultos corroboram a estimativa obtida pelos restos dentários, nomeadamente as clavículas, o úmero esquerdo e o tálus direito, que revelam a presença de pelo menos 12 indivíduos adultos. Em 1935, Afonso do Paço e Eugénio Jalhay avançaram com um mínimo de 12 indivíduos, de ambos os sexos, após as duas primeiras campanhas de escavação, sendo que no final da escavação as estimativas ascendiam a umas «dezenas de indivíduos» (Paço, 1955), estimativa compatível com a obtida na presente análise.

O número mínimo de indivíduos obtido para a gruta 2 de Alapraia é muito semelhante às grutas artificiais de São Pedro do Estoril I e II, cujas estimativas realizadas por Ladeira (1993) e Silva (1993) apontam para um número mínimo de 29 e 53 indivíduos, respetivamente. Já as grutas artificiais de São Paulo II e Monte Canelas I, situadas a sul da Península de Lisboa, continham um número muito mais elevado de indivíduos: respetivamente de 254 (Silva, 2002) e 171 (Silva, 1996).



Figura 6. Calote craniana AI.40 pertencente a uma criança que terá falecido entre os 4 e os 6 anos; recuperada incrustada em calcário da gruta (amostra do MCCG).

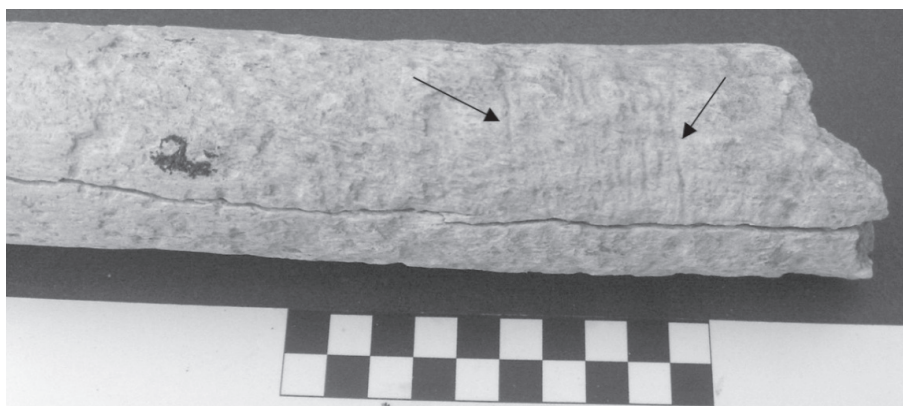


Figura 7. Diáfise de fêmur direito AI.48 onde são visíveis diversas marcas de dentes de roedores (Coleção do MCCG).

Uma análise mais detalhada da proporção de adultos *versus* não adultos de amostras exumadas de grutas artificiais (Figura 8) revela que, excetuando as duas grutas da Necrópole de São Pedro do Estoril, os não adultos estão bem representados. Contudo, os dados destas duas grutas foram obtidos com base nos restos ósseos e nos dentes *in situ*, encontrando-se em curso o estudo detalhado dos dentes soltos, que muito provavelmente irá alterar estas estimativas.

No que diz respeito aos não adultos, os restos dentários confirmam que nesta gruta terão sido depositados indivíduos de todas as classes etárias (Figura 9). Os dentes decíduos em formação permitiram identificar o indivíduo mais jovem desta amostra, que terá falecido com aproximadamente dez meses. Já para os adultos, os indicadores etários disponíveis são muito mais escassos. Contudo, pela análise da extremidade esternal das clavículas recuperadas, é possível afirmar que pelo menos dois indivíduos adultos terão falecido com mais de 30 anos de idade. Foram também detetados indicadores biológicos de indivíduos mais velhos: dois fragmentos de osso coxal apresentam alterações degenerativas compatíveis com indivíduos que faleceram com uma idade à morte superior a 40 anos, e duas calotes cranianas (Al.37 e Al.38) apresentam um padrão de obliteração de suturas compatível com uma idade à morte superior a 50 anos.

Nos adultos, através do tálus direito foram identificados três indivíduos mas-

culinos e oito femininos. Este *sex-ratio* em favor do sexo feminino, também sugerido por outros elementos ósseos da coleção como o osso coxal, constitui uma tendência observada em diversas séries recuperadas de sepulcros coevos, mas que ainda não está completamente esclarecida. Para além de ser real, não se pode excluir que esteja relacionado com questões metodológicas ou práticas funerárias (Silva, 2002; 2003).

Os elementos morfológicos são outro vasto conjunto de dados que permite caracterizar os indivíduos, em termos de tamanho corporal, forma e robustez dos ossos, assim como de variações anatómicas não métricas. Todos estes dados contribuem para reconstituirmos parte do perfil físico destes indivíduos. Ainda que esta abordagem também tenha sofrido com a natureza fragmentária desta série, algumas inferências foram efetuadas.

Em termos gerais, sobressai a gracilidade da maioria dos restos ósseos, ainda que se tenham recuperado alguns fragmentos ósseos muito robustos. A estatura média destes indivíduos é de 1,60 m \pm 0,475 cm, auferida com base em seis segundos metatarsianos esquerdos. Os valores obtidos variam entre 1,54 m \pm 0,475 cm e 1,65 m \pm 0,475 cm, revelando uma estatura baixa, mas dentro dos valores obtidos para outras populações coevas (Silva, 1996; 2002; Evangelista, 2018). Em termos de achatamento dos ossos dos membros inferiores, nos quatro fragmentos ósseos em que foi possível averiguar esta característica (dois fêmures e

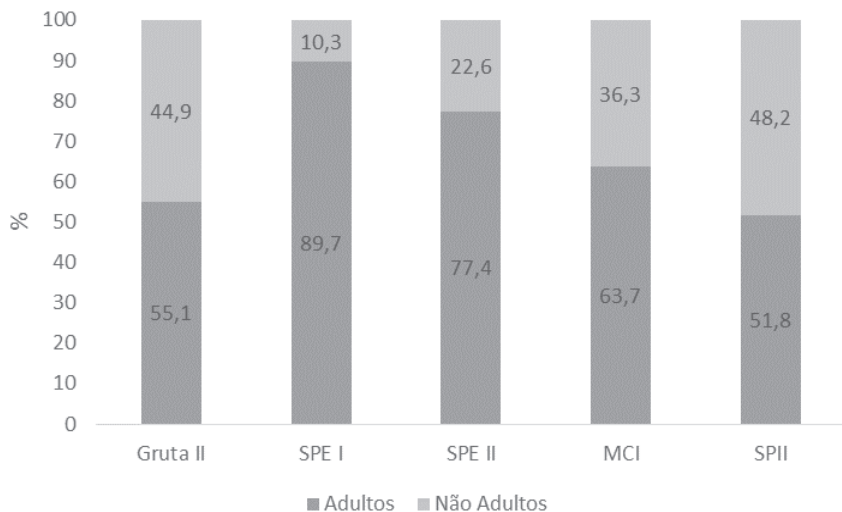


Figura 8. Proporção de adultos *versus* não adultos exumados de várias grutas artificiais coevas (Legenda: Gruta II=gruta II de Alapraia; SPE I=São Pedro do Estoril I; SPE II=São Pedro do Estoril II; MCI=Monte Canelas I; SPII=São Paulo II).

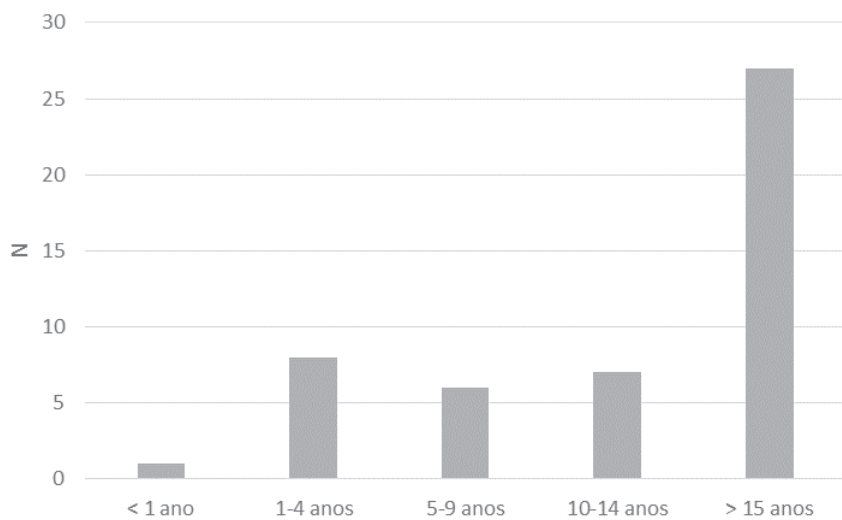


Figura 9. Perfil demográfico da amostra recuperada da gruta II de Alapraia.

duas tíbias), apenas uma tíbia direita revelou achatamento da sua diáfise.

Entre as variações morfológicas não métricas, destaca-se a presença de sutura metópica num fragmento de osso frontal pertencente a um adolescente (Al.1522) e, no esqueleto pós-craniano, a presença de um ossículo supranumerário, o *calcaneum secundarium*. Este foi registado em dois calcâneos esquerdos (num total de oito calcâneos, seis esquerdos e dois direitos), pertencentes a um indivíduo adulto (Figura 10), provavelmente do sexo masculino, e a um não adulto com cerca de 15 anos de idade à morte. Este ossículo, ainda que raro em populações atuais, é detetado com alguma frequência em populações portuguesas coevas, como a do *Tholos* de Paimogo I (7,7%), do Dólmen de Ansião (12,5%), do Hipogeu de São Paulo II (15,15%), da Cova da Moura (6,4%) e dois casos de São Pedro do Estoril I (Ladeira, 1993), o que permite sugerir algum grau de endogamia nestas comunidades (Silva e Silva, 2010; Silva, 2011; Krapf et al., 2015).

Na amostra de dentes soltos, identificou-se um incisivo lateral superior direito da dentição permanente (Al.342, Figura 11) com uma anomalia de desenvolvimento rara: uma cúspide tipo *talon* (cúspide acessória). Trata-se de uma anomalia que se manifesta como uma projeção de uma estrutura tipo cúspide na área do cingulo ou linha cimento-esmalte nos dentes maxilares ou mandibulares, na dentição decidua ou permanente

(Hattab et al., 1995; Kalpana e Thubashini, 2015). No presente caso, a cúspide foi detetada em um dente da dentição permanente e estende-se, pelo menos, até metade da área entre a linha cimento-esmalte e a superfície incisal do dente. O desgaste dentário deste dente é médio-baixo e não foi detetada qualquer lesão cariogénica ou depósitos de tártaro.



Figura 10. Evidências da presença de *calcaneum secundarium* (Al.MA.72) no calcâneo esquerdo pertencente a um indivíduo masculino (coleção MA).

De acordo com a literatura clínica, a frequência desta cúspide varia entre 1% e 8% nas populações humanas atuais. Pode ser assintomática mas pode também levar a complicações, como problemas estéticos e de oclusão dentária, fraturas, maior suscetibilidade a cáries, entre outros, adquirindo um significado

clínico. Pode ainda ser uma anomalia isolada ou estar associada a síndromas, o que não é possível averiguar no presente caso (Hattab et al., 1995; Kalpana e Thubashini, 2015).

A etiologia desta anomalia permanece desconhecida mas fatores genéticos e ambientais devem estar envolvidos (Hattab et al., 1995; Kalpana e Thubashini, 2015). Ainda que na literatura clínica haja alguns casos descritos, raras são as descrições para populações arqueológicas. Contudo, a presença desta variação anatómica não é inédita para populações portuguesas do passado. Silva e Subtil (2009), descreveram uma cúspide *talon* observada num dente decíduo (incisivo central superior esquerdo) de uma criança com uma idade à morte estimada em $3 \text{ anos} \pm 12 \text{ meses}$, exumada de uma sepultura dupla do Museu Grão Vasco (Viseu). Os restos cranianos da referida criança foram enviados para datação, obtendo-se um valor de $630 \pm 40 \text{ BP}$ (cal 1290–1410 AD, 2 sigma, Beta-205246), ou seja, cronologicamente mais recente que o caso apresentado neste artigo.

Os dados do desgaste dentário e das diversas patologias orais pesquisadas nos restos dentários preservados desta gruta estão representados na tabela 2. Na tabela estão ainda incluídos os dados obtidos para mais duas coleções exumadas de grutas artificiais, o mesmo tipo de túmulo da Necrópole de Alapraia.

Os valores obtidos enquadram-se nos valores de séries coevas (Silva, 2002;

2017), que se caracterizam por apresentar um desgaste dentário médio e uma frequência baixa de lesões cariogénicas. No que diz respeito aos depósitos de tártaro, mais de metade dos dentes apresentam estes depósitos, predominando os de grau mínimo; 5,45% (33/605) são de grau médio; e dois dentes apresentam depósitos de grau máximo (2/605=0,3%). Este parâmetro é mais difícil de comparar com séries coevas porque nem sempre é registado, para além de ser difícil quantificar as suas perdas *post mortem*. Um total de 18 dentes permanentes revelam hipoplasias do esmalte dentário, um dos quais, um canino superior esquerdo, exibe duas linhas. A respetiva frequência, ainda que baixa, enquadra-se nos valores médios de séries coevas de diversos tipos de sepulcros (Silva, 1996; 2002; 2017; Silva et al., 2017; Evangelista, 2018).

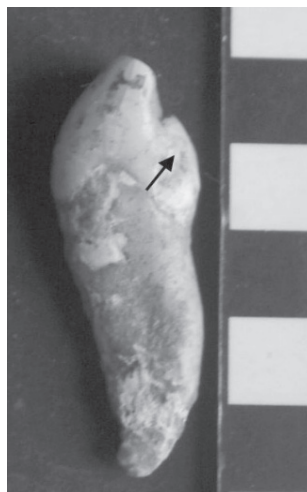


Figura 11. Incisivo lateral superior esquerdo (AI.342) da dentição permanente exibindo uma cúspide acessória na região lingual.

No que diz respeito à amostra de dentes decíduos ($n=81$), destaca-se a presença de dois dentes com uma lesão cariogénica (2,5%) e dois dentes com uma hipoplasia do esmalte dentário em forma de *pit* (Tabela 2). Estes últimos incluem um canino inferior direito decíduo com o ápex aberto (2,5 anos, segundo AlQahtani et al., 2010) e um canino inferior esquerdo cujos defeitos hipoplásicos se formaram em consequência de eventos de *stress* fisiológico que ocorreram nos primeiros meses de vida. Este indicador de *stress* é menos frequentemente encontrado em dentes decíduos mas foi observado na amostra do túmulo 1 dos Perdigões (Evangelista, 2018) e no *Tholos* de Paimogo I ($n=1/514$) (Silva, 2002).

Uma análise mais detalhada com dados de amostras de duas grutas artificiais — Monte Canelas I (nível funerário

inferior) e São Paulo II — revela dados semelhantes, exceto nas frequências de lesões cariogénicas e perda *ante mortem* de dentes. De facto, a frequência de cáries em Monte Canelas I encontra-se entre as mais elevadas para séries coevas, independentemente do tipo de sepulcro. Esta tem sido interpretada como consequência de uma maior disponibilidade de frutos cariogénicos na região (sul de Portugal), ainda que outras causas não possam ser excluídas. No que diz respeito à perda *ante mortem* de dentes, as frequências obtidas devem ser comparadas com cuidado, uma vez que este cálculo depende da preservação de osso alveolar que frequentemente é muito baixo.

Entre as condições patológicas observadas nos restos ósseos encontram-se sinais de infeção. Estes sinais foram encontrados em fragmentos de diáfise

Tabela 2. Dados obtidos para o desgaste dentário, diversas patologias orais e hipoplasias do esmalte dentário de coleções exumadas de grutas artificiais (para o Hipogeu de Monte Canelas I os dados indicados são do nível funerário inferior).

	Alapraia	MCI	SPII
Degaste dentário (média)	3,2% ($n=604$)	*	3,86 ($n=367$)
Lesões cariogénicas	3,7% ($n=628$)	11,5% ($n=988$)	3,3% ($n=361$)
Depósitos de tártaro	54,5% ($n=605$)	32,1% ($n=998$)	*
Perda <i>ante mortem</i> de dentes	21,3% ($n=61$)	9,8%**	10,3% ($n=942$)
Hipoplasias do esmalte dentário	2,9% ($n=628$)	2,2% ($n=988$)	0,7% ($n=4046$)
Lesões cariogénicas — dentes decíduos	2,5% ($n=81$)	2 dentes	0% ($n=385$)
Hipoplasias do esmalte dentário — dentes decíduos	2,5% ($n=81$)	0	0% ($n=769$)

* Valor indicado por tipo de dente, não permitindo comparar os dados; ** n — não indicado na publicação; MCI=Monte Canelas I; SPII=São Paulo II (Silva, 1996; 2002).

de ossos longos, designadamente num fragmento de fémur direito, de tibia esquerda, de tibia e perónio direitos, e num primeiro metatarsiano esquerdo. Todas estas lesões se encontram muito remodeladas e não ativas.

Dois fragmentos ósseos de não adulto (diáfise de fémur direito e de tibia esquerda) também exibem uma formação tênue de osso novo (remodelada). A única lesão infecciosa ativa detetada, traduzida pela presença de deposição de osso novo, foi num calcâneo direito, pertencente a um indivíduo com uma idade à morte estimada de nove anos. Esta patologia, em séries coevas, é predominantemente encontrada com frequências baixas e remodelada. Em Monte Canelas I, o tipo de osso com maior frequência de periostite é o fémur direito (11,9%) apenas com lesões remodeladas (Silva, 1996). Para São Pedro do Estoril II foi descrito um possível caso de mastoidite (Silva, 1993). São Paulo II foge um pouco a este padrão ao revelar um maior número de tipos de ossos com periostite, incluindo ossos do tronco e do tórax, e de lesões ativas com deposição de osso novo. Nessa amostra, entre os não adultos há dois fragmentos de mastoide com sinais de periostite, um dos quais pertencente a um recém-nascido e exibindo deposição de osso novo (Silva, 2002). É ainda de mencionar que essa série, entre as de grutas artificiais analisadas, é cronologicamente mais recente e foi a que revelou um maior número mínimo de indivíduos.

É no âmbito da patologia traumática que se encontram os casos mais peculiares da presente amostra: uma lesão num osso frontal e a fusão de duas vértebras torácicas. O osso frontal Al.1522, pertencente a um adolescente, exhibe uma depressão de natureza traumática na porção esquerda (Figura 12). O eixo maior da lesão, no sentido mesio-lateral, tem cerca de 12 mm e o eixo menor apresenta 6,5 mm, o que lhe confere uma aparência elíptica. Na superfície endocraniana observou-se uma elevação óssea com cerca de 0,5 mm que poderá ter resultado de um fragmento de osso destacado que voltou a fundir com a calote, encerrando a área afetada. Estas alterações são visíveis numa área de aproximadamente 24,45 mm por 15,82 mm. Esta lesão traumática, que se encontra bem remodelada, poderá representar um caso de fratura ou uma trepanação incompleta. É de salientar que numa Necrópole próxima, na gruta artificial de São Pedro do Estoril II, o crânio masculino 2 exhibe uma lesão traumática muito semelhante, também do lado esquerdo do osso frontal, ainda que um pouco mais próxima da sutura coronal (Silva, 1993; 2003; 2017).

Entre as vértebras recuperadas, encontra-se um bloco vertebral constituído pela fusão de duas vértebras torácicas (Figura 13). Ao nível dos corpos, a fusão é completa, mas não se pode confirmar se esta se estendia para esta região das vértebras dado que a região posterior deste bloco não se preservou. É também visível

um colapso da vértebra superior. Estas características sugerem que a fusão tenha ocorrido em consequência de um trauma, neste caso uma fratura. O aspeto completamente remodelado desta lesão sugere que se trata de um evento que ocorreu muito antes da morte do indivíduo.



Figura 12. Osso frontal Al.1522 pertencente a um indivíduo adolescente exibindo uma lesão traumática remodelada (coleção de fotografias enviadas pela Junta de Turismo de Cascais em 30/12/53 juntamente com os restos ósseos cedidos).

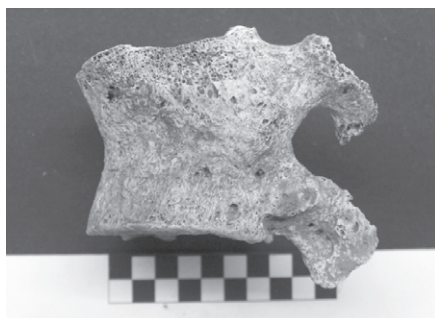


Figura 13. Fusão de duas vértebras torácicas (Al.MA.664) provavelmente devido a um trauma antigo. Refira-se o colapso do corpo da vértebra superior.

Num fragmento de osso coxal direito (Al.MA.619), provavelmente pertencente a um indivíduo feminino, são visíveis alterações degenerativas ósseas, numa área circular (diâmetro de 2 cm) localizada superiormente à região da superfície auricular, compatíveis com o início da fusão deste osso com o sacro. Porém, não é possível avançar com um diagnóstico mais preciso.

Além destes casos, três ossos pertencentes à mão ou ao pé exibem alterações compatíveis com fraturas antigas. Um 5.º metacarpiano esquerdo (Al.MA.356; n=2) exibe uma pequena exostose a meio da diáfise em norma palmar, associada a zonas de inserção muscular mais marcadas. Já um provável 4.º metatarsiano exibe alterações na extremidade proximal (incompleta) que se podem ter desenvolvido no processo de cicatrização de uma fratura nesta região do pé, traduzindo-se por uma morfologia atípica e um espessamento da região que poderá corresponder a um calo ósseo. O último caso atribuível a uma fratura antiga foi observado numa falange distal do pé (Al.MA.246), cuja extremidade distal se apresenta deformada. Fraturas em ossos do metacarpo e/ou metatarso são comumente descritas em séries coevas, como nos Hipogeuus de Monte Canelas I e São Paulo II, no *Tholos* de Paimogo I, nas grutas naturais de Lugar do Canto e Pedra Furada I e no Abrigo da Serra da Roupa (Silva, 1996; 2002; 2017; Silva et al., 2014). Este padrão de fraturas é compatível com

acidentes ocorridos no dia-a-dia, incluindo quedas (Djurić et al., 2006; Silva, 2017).

As alterações degenerativas encontradas são poucas e de severidade mínima. As articulares foram detetadas em duas regiões do esqueleto, ao nível da coluna vertebral e nos ossos do pé. No primeiro caso, as lesões foram registadas para vértebras cervicais e torácicas e de grau mínimo, exceto duas cervicais, com lesões de grau médio ao nível do corpo e, numa delas, também na superfície articular superior direita. Nos ossos do pé, as alterações registadas nos ossos do tarso (calcâneos, tálus, naviculares), metatarso e falanges são todas de severidade mínima. Além destes casos, foi detetada uma rótula esquerda (n=6, 3 de cada lateralidade) com alterações degenerativas de grau mínimo. Todas as lesões detetadas correspondem a osteofitoses marginais.

As alterações das enteses foram detetadas nas falanges proximais das mãos e nas vértebras torácicas. Em nove falanges proximais da mão (9/19), as zonas de inserção do tendão do flexor superficial, relacionado com as funções de preensão e flexão dos dedos, exibem lesões de grau mínimo, permitindo sugerir atividades diárias que envolvam estes tipos de movimentos. Ao nível da coluna vertebral, as alterações das enteses foram observadas nas vértebras torácicas, onde seis (n=13) exibem espigas laminares de grau 1 e uma, de grau médio (2).

Entre os restos ósseos da coluna vertebral foi detetado um provável caso

de lombarização (patologia congénita). O fragmento da primeira vértebra do sacro AL.MA.686 encontra-se separado das restantes vértebras do sacro. Contudo, como o lado esquerdo deste osso se encontra ausente, não é possível averiguar se se trata de um caso unilateral (mais frequente) ou bilateral. Esta região da coluna vertebral representa uma das zonas mais suscetíveis para a ocorrência de alterações dos elementos vertebrais (Barnes, 1994; Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998).

Uma morfologia atípica foi observada em dois ossos: nas extremidades proximais de um 1.º metacarpiano direito (AL.2.SG.11; n=6) e de uma falange proximal do pé. No primeiro caso, a extremidade perdeu a sua concavidade, apresentando-se direita e, no segundo, a concavidade é muito maior do que o habitual. Como as referidas peças ósseas foram recuperadas desarticuladas, é difícil interpretar estas alterações.

Em dois ossos, foram detetados pequenos focos erosivos compatíveis com lesões líticas. Junto ao processo transversal direito do fragmento de vértebra lombar AL.MA.681, o orifício apresenta um eixo maior de cerca de 10 mm por 5 mm, e 3 mm de profundidade máxima. As margens são irregulares, não sendo possível compreender totalmente a extensão da lesão devido à presença de alterações tafonómicas. Num cuboide direito (AL.MA.81, Figura 14; n=1), foi observada uma lesão lítica junto à superfície articu-

lar para as bases dos 4.º e 5.º metatarsianos, na face medial e ínfero-plantar. Esta lesão, com cerca de 2 mm de profundidade, apresenta um eixo maior, com 8 mm por 5 mm, com margens muito suaves. O diagnóstico para estas duas alterações não é fácil, sendo que podem representar casos de pequenos quistos ósseos (lesões benignas) ou endocondromas (tumor cartilaginoso benigno). Lesões muito semelhantes foram detetadas em três ossos do pé recuperados do Hipogeu de Monte Canelas II: um cuboide esquerdo, um 1.º cuneiforme direito e um 3.º cuneiforme esquerdo (Silva, 1996) e interpretadas como possíveis casos de endocondromas.

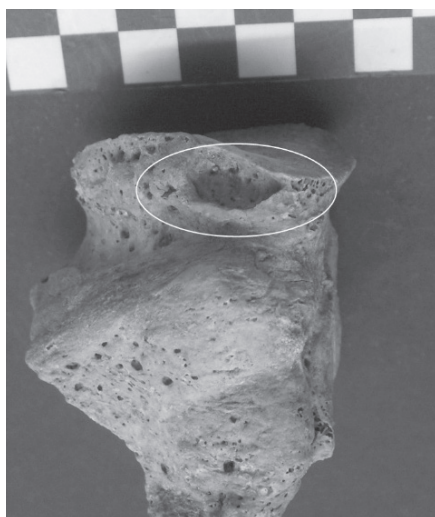


Figura 14. Lesão lítica detetada no cuboide direito Al.MA.81.

Práticas funerárias na gruta II de Alapraia: um local primário ou secundário de inumação?

E assim as gentes inumadas em Alapraia, [...], teriam colocado os mortos que dormiam o sono eterno na gruta II, sob protecção do astro da lua...
Afonso do Paço (1955: 96)

Nas sepulturas coletivas pré-históricas, uma questão que sempre levanta controvérsia é se se trata de um local primário ou secundário de inumação (Silva, 1996; 2002; 2003; Boaventura et al., 2014; Silva et al., 2017; Evangelista, 2018). Até aos finais do século passado, a maioria destes sepulcros era classificada como locais de inumação secundária, face ao frequente elevado número de ossos, muito fragmentados e incompletos, e com poucas ou nenhuma conexão anatómicas.

Nos últimos anos, através de abordagens mais específicas e de uma análise mais cuidada dos dados, tem sido possível confirmar que estes locais constituem muitas vezes locais de inumação primária, sujeitos a grandes remeximentos relacionados com as práticas funerárias, nomeadamente o aproveitamento e a reutilização do espaço funerário. Além disso, escavações recentes em sepulcros pré-históricos têm confirmado a existência de práticas funerárias de maior complexidade, para além da coexistência de diferentes práticas (Silva et al., 2017).

No caso de Alapraia, pode recorrer-se a dois tipos de dados para inferir sobre o tipo de inumação: às descrições dos restos ósseos no campo pelos dois investigadores que escavaram a Necrópole e à natureza da amostra óssea. No primeiro caso, em 1935, Afonso do Paço e Eugénio Jalhay referem que as inumações teriam começado a ser realizadas na cripta através da entrada da gruta em forma de ferradura e que, quando a sua deposição obstruiu a entrada, os enterramentos teriam continuado a ser depositados pela claraboia (Paço e Jalhay, 1935: 123). Segundo os autores, as deposições teriam continuado no vestíbulo quando todo o interior da cripta ficou repleto. Estes «jaziam sem posição determinada, a não ser os de uma criança que pareciam protegidos por um singelo círculo de pedras» (Paço e Jalhay, 1935: 123). Em 1941, acrescentam que alguns denotavam ter sido colocados de cócoras (Jalhay e Paço, 1941: 137).

Estas descrições sugerem que esta gruta teria servido de local de inumação primário para um grupo humano, hipótese que não pode ser rejeitada se se considerar a natureza da amostra óssea: ainda que fragmentada, esta inclui restos ósseos de todas as partes do esqueleto, incluindo pequenos ossos do carpo, do tarso, falanges, todos elementos ósseos que facilmente se perdem na transladação de corpos. Aguardam-se os resultados de datações por radiocarbono de restos ósseos humanos provenientes

desta gruta (as duas indicadas na tabela 1 são provenientes da gruta 4), cujos resultados poderão ser relevantes para esta questão.

Restos ósseos não humanos e breve nota sobre os achados arqueológicos

Entre os restos osteológicos depositados no MA, incluem-se cerca de 82 fragmentos de ossos não humanos. Para a sua identificação foi pedida a colaboração da Dr.^a Cleia Detry. Entre a fauna identificada, incluem-se ossos de *Bos sp.*, *Sus sp.*, *Ovis/Capri*, *Canis familiaris*, *Vulpes vulpese*, *Oryctolagus cuniculus* (coelho). Em quatro fragmentos ósseos foram detetadas marcas de corte: num metápode distal (Figura 15), num fragmento distal de rádio, numa falange I de *Bos sp.*, e num fragmento distal de tibia de *Canis familiaris*. Todas estas espécies já tinham sido identificadas na listagem publicada em 1955 por Afonso do Paço (1955: 83). A única exceção são os vestígios osteológicos de lebre, que não foram detetados na presente amostra.

Ainda que o estudo dos achados arqueológicos esteja fora do âmbito do presente trabalho, será pertinente referir sumariamente os recuperados desta gruta artificial e publicados por Afonso do Paço. Contam-se cinco vasos campaniformes, quatro taças tipo Palmela, uma escudela, variada cerâmica não ornamentada, vários cilindros de calcário, um par de sandálias de calcário, uma lúnula

de calcário e fragmentos de uma outra, duas placas de xisto, variados objetos de sílex, contas (calaíte, azeviche e xisto), entre outras (Paço, 1955: 93).



Figura 15. Metápode distal de *Bos sp.* (Al.MA.838) exibindo marca de corte.

É de destacar as sandálias, exemplares únicos no mundo, que apresentam a forma de duas solas, uma direita e uma esquerda. Estas devem reproduzir as sandálias de couro que deveriam ser usadas no quotidiano da época calcolítica. As perfurações observadas, 33 no “pé” esquerdo e 31, no direito, deveriam constituir as furações destinadas à colocação de tiras que segurariam o calçado ao pé (imagem disponível em: <https://www.cascais.pt/galeria-de-imagens/sandalias-de-alapraia>).

Considerações finais

Presentemente os restos ósseos provenientes da Necrópole de Alapraia encontram-se no acervo de três Museus — Museu Condes de Castro Guimarães, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e Museu dos Serviços Geológicos — e provêm quase exclusivamente da gruta II. O espólio ósseo humano proveniente da gruta II de Alapraia representa um mínimo de 49 indivíduos, de todas as classes etárias e de ambos os sexos. Em termos morfológicos, trata-se de indivíduos de uma estatura baixa, compreendida entre os 1,54 m e 1,65 m, mas dentro dos valores de outras séries coevas, como do Hipogeu de Monte Canelas I e da gruta artificial de São Pedro do Estoril II.

Várias foram as doenças ou lesões que afetaram estes indivíduos: oral, infecciosa, traumática, degenerativa, neoplásica, congénita e de diagnóstico incerto. No entanto, a maioria das lesões é de baixa severidade e remodelada, ou seja, antigas. Entre as patologias detetadas destacam-se uma lesão traumática no osso frontal pertencente a um indivíduo adolescente sugestiva de uma trepanação incompleta e a presença de uma anomalia de desenvolvimento rara, a presença de cúspide *talon* num incisivo lateral superior direito (permanente). Em suma, estes fragmentos ósseos de dimensões tão pequenas que, supostamente, não “permitiam qualquer reconstituição e estudo”

guardavam afinal vários episódios da vida destes indivíduos que há mais de 4000 anos morreram na região de Alapraia. Para ler esta história apenas foi necessário decifrar e compreender a linguagem dos ossos de Alapraia.

Coimbra, julho de 2011,
revisto em junho de 2018.

No fim deste trabalho, não posso deixar de dedicar este texto ao Major Afonso do Paço e ao Padre Eugénio Jallhay. Apesar de não os ter conhecido pessoalmente, a leitura dos diversos trabalhos publicados por estes dois investigadores e das cartas do Tenente Coronel Afonso do Paço ao Prof. Xavier da Cunha não me deixam dúvidas sobre a sua constante preocupação na preservação e no estudo deste importante espólio ósseo humano. Espero, com este trabalho, “não os ter desiludido” e ter cumprido o que há muito desejavam.

Agradecimentos

A autora agradece ao Prof. Victor Gonçalves, a Rui Boaventura, a Ana Catarina Sousa, aos dois revisores e a Daniela Rodrigues pelas suas sugestões; ao CIAS pelo apoio financeiro (PEst-OE/SADG/UI0283/2013).

Referências bibliográficas

AlQahtani, S. J.; Hector M.; Liversidge, H. 2010. Brief communication: the London atlas

of human tooth development and eruption. *American Journal of Physical Anthropology*, 142(3): 481–490. DOI: 10.1002/ajpa.21258.

Aufderheide, A.; Rodríguez-Martín, C. 1998. *The Cambridge encyclopedia of human paleopathology*. Cambridge, Cambridge University Press.

Barnes, E. 1994. *Developmental defects of the axial skeleton in paleopathology*. Niwot, Colorado, University Press of Colorado.

Boaventura, R.; Ferreira, M. T.; Neves, M. J.; Silva, A. M. 2014. Funerary practices and anthropology during the middle-late Neolithic (4th and 3rd Millennia BCE) in Portugal: old bones, new insights. *Anthropologie*, 52(2): 183–205. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26272474>.

Crubézy, E. 1988. *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets: exemple d'une population médiéval*. Thèse de Doctorat, Montpellier, Université de Montpellier.

Djurić, M. P.; Roberts, C. A.; Rakočević, Z. B.; Djonić, D.; Lešić, A. R. 2006. Fractures in late medieval skeletal populations from Serbia. *American Journal of Physical Anthropology*, 130(2): 167–178. DOI: 10.1002/ajpa.20270.

Evangelista, L. S. 2018. *Resting in peace or in pieces? Tomb I and death management in the 3rd millennium BC at the Perdigões Enclousure (Reguengos de Monsaraz, Portugal)*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

- Ferembach, D.; Schwidetzky, I.; Stloukal, M. 1980. Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9(7): 517–549. DOI: 10.1016/0047-2484(80)90061-5.
- Finnegan, M. 1978. Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy*, 125: 23–37.
- Gonçalves, V. 2005. Cascais há 5000 anos. Tempos, símbolos e espaços da morte das antigas sociedades camponesas. In: Gonçalves, V. (ed.). *Cascais há 5000 anos*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais: 62–195.
- Hattab, F. N.; Yassin, O. M.; Al-Nimri, K. S. 1995. Talon cusp-clinical significance and management. *Quintessence International*, 26: 115–120.
- Hauser, G.; De Stefano, G. F. 1989. *Epigenetic variants of the human skull*. Stuttgart, Schweizerbartsche.
- Herrmann, B.; Grupe, G.; Hummel, S.; Piepenbrink, H.; Schutkowski, H. 1990. *Præhistorische anthropologie. Leitfaden der fels- und labormethoden*. Berlin, Springer Verlag.
- Jalhay, E.; Paço, A. 1941. A gruta II da Necrópole de Alapraia. *Anais*, Vol. IV: 107–145.
- Junta de Turismo de Cascais. 1943. *Alapraia. Curiosidades arqueológicas do concelho de Cascais*. Cascais, Junta de Turismo de Cascais.
- Junta de Turismo de Cascais. 1954. *Cascais e seus lugares*, 6. Cascais, Boletim da Junta de Turismo de Cascais.
- Kalpna, R.; Thubashini, M. 2015. Talon cusp: a case report and literature review. *Oral & Maxillofacial Pathology Journal*, 6(1): 594–596. DOI: 10.5005/10037-1045.
- Krapf, D.; Krapf, S.; Wyss, C. 2015. Calcaneus secundarius — a relevant differential diagnosis in ankle pain: a case report and review of the literature. *Journal of Medical Case Reports*, 9(1): 127. DOI: 10.1186/s13256-015-0595-7.
- Ladeira, A. P. 1993. *Estudo antropológico dos restos ósseos humanos provenientes das grutas de Alapraia, Poço Velho e São Pedro do Estoril*. Relatório de Investigação, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Lukacs, J. 1989. Dental paleopathology: methods for reconstructing dietary patterns. In: Iscan, M.; Kennedy, K. (eds.). *Reconstruction of life from the skeleton*. New York, Alan, R. Liss Inc.: 261–286.
- MacLaughlin, S. M. 1990. Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8: 59–68. Disponível em: <https://impactum.uc.pt/pt-pt/node/96980>.
- Martin, R.; Saller, K. 1956. *Lehrbuch der anthropologie*, Vol. 3. Stuttgart, Fisher.
- Martin, R.; Saller, K. 1957. *Textbook of anthropology*. Stuttgart, Fisher.
- Moore, W. J.; Corbett, E. 1971. The distribution of dental caries in ancient British populations 1. Anglo-Saxon period. *Caries Research*, 5(2): 151–168. DOI: 10.1159/000259743.
- Paço, A. 1955. Necrópole de Alapraia. *Anais*, II série, Vol. 6: 27–140.

- Paço, A. 1957. Arqueologia da Costa do Sol. I — grutas Alapraia. *Cascais e seus lugares*, 12: 39–49.
- Paço, A.; Jalhay, E. 1935. As grutas de Alapraia. *Brotéria* (Revista Contemporânea de Cultura), XXI(2/3): 108–129.
- Santos, C. M. 2002. *Estimativa da estatura a partir dos metatársicos*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal, Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra.
- Saunders, S. 1978. *The development and distribution of discontinuous morphological variation of human infracranial skeleton*. Dossier 81: National Museum of Man, Mercury Series.
- Silva, A. M. 1993. *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II. Estudo antropológico*. Relatório de Investigação em Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Silva, A. M. 1995. Sex assessment using calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13: 107–119. Disponível em: <https://im-pactum.uc.pt/pt-pt/node/97036>.
- Silva, A. M. 1996. *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV–III milénios a.C.): estudo paleobiológico da população humana exumada*. Trabalho de síntese. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Silva, A. M. 2002. *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia, especialidade de Antropologia Biológica. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Silva, A. M. 2003. Portuguese populations of the Late Neolithic and Chalcolithic periods exhumed from collective burials: an overview. *Anthropologie*, 41(1–2): 55–64. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26292629>.
- Silva, A. M. 2011. Foot anomalies in the Late Neolithic/Chalcolithic population exhumed from the rock cut cave of São Paulo 2 (Almada, Portugal). *International Journal of Osteoarchaeology*, 21(4): 420–427. DOI: 10.1002/oa.1148.
- Silva, A. M. 2012. Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (Litorais) do Neolítico final/Calcolítico. *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Silva, A. M. 2017. Illness and injuries in prehistory: the challenge of paleopathological study of old bones. In: Díaz-Zorita Bonilla, M.; Escudero Carillo, J.; López Flores, I.; Lucena Romero, J.; Mora Rosa, E.; Robles Carrasco, S. (eds.). *Paleopatología y bioarqueología, contextualizando el registro óseo*. Actas del XIII Congreso Nacional de Paleopatología. 1-4 Octubre de 2015. Sevilla, Asociación Profesional de Bioarqueología y Asociación Nacional de Paleopatología.
- Silva, A. M.; Boaventura, R.; Pimenta, J.; Detry, C.; Cardoso, J. L. 2014. Perscrutando es-

- pólios antigos: a gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 159–182.
- Silva, A. M.; Ferreira, M. T. 2016/17. Perscrutando espólios antigos 5: contributo da análise dos restos ósseos humanos. Examining old remains 5: the contribution of the study of human bones. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23 (Volume de Homenagem a Rui Boaventura): 219–232.
- Silva, A. M.; Garcia, M.; Leandro, I.; Evangelista, L.; Rodrigues, T.; Valera, A. C. 2017. Mortuary practices in Perdígões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): Bio-anthropological approach to Tomb 2. *Menga*, 8: 71–86.
- Silva, A. M.; Silva A. L. 2010. Unilateral non-osseous calcaneonavicular coalition: report of a Portuguese archaeological case. *Anthropological Science*, 118(1): 61–64. DOI: 10.1537/ase.090429.
- Silva, A. M.; Subtil, A. C. 2009. Talon cusp in a deciduous upper incisor from a medieval Portuguese child. *Anthropological Science*, 117(1): 45–49. DOI: 10.1537/ase.080418.
- Smith, B. H. 1984. Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturists. *American Journal of Physical Anthropology*, 63(1): 39–56. DOI: 10.1002/ajpa.1330630107.
- Smith, B. H. 1991. Standards of human tooth formation and dental age assessment. In: Kelly, M. A.; Larsen, C. S. (eds.). *Advances in dental anthropology*. New York, Wiley-Liss Inc.: 143–168.
- Ubelaker, D. 1989. *Human skeletal remains: excavations, analysis, interpretation*. 2nd edition. Washington, Taraxacum Washington.
- Xavier da Cunha, A. 1956a. Contribuição para a antropologia dos povos de cultura campaniforme em Portugal. *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, VI(5): 123–137.
- Xavier da Cunha, A. 1956b. Contribuição para a antropologia dos povos de cultura campaniforme em Portugal. *XXIII Congresso Luso-Espanhol. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, Tomo V, 4.^a secção — Ciências Naturais, 3.^a subsecção — Zoologia e Antropologia: 49–62.